



**“O MONTE DAS ALMAS”, UM CONTO FANTÁSTICO
TRADUZIDO DE GUSTAVO ADOLFO BÉCQUER**

**“O MONTE DAS ALMAS”, A FANTASTIC STORY
TRANSLATED OF GUSTAVO ADOLPH BÉCQUER**

Gleiton Lentz¹

RESUMO: Apresenta-se a tradução integral do conto “O Monte das Almas”, do poeta e escritor romântico espanhol Gustavo Adolfo Bécquer (1836-1870). Publicada originalmente em 1861, e incluída posteriormente no livro *Leyendas*, a narrativa é uma das mais comentadas e traduzidas do autor. Nela, Bécquer revela toda sua habilidade em conduzir o leitor do real ao fantástico por meio da evocação de um detalhe histórico e de um lugar real, cuja história narrada, embora literária, e, portanto, ficcional, é a que mais oferece probabilidades de ter sido baseada em uma tradição local, oriunda da cidade espanhola de Sória, onde a narrativa é ambientada. “O Monte das Almas” é um dos mais significativos exemplos da literatura fantástica espanhola do século XIX.

Palavras-chave: conto espanhol, literatura fantástica, Gustavo Adolfo Bécquer

ABSTRACT: We present the full translation of the short story “O Monte das Almas”, by the Spanish poet and romantic writer Gustavo Adolfo Bécquer (1836-1870). Originally published in 1861, and subsequently included in the book *Leyendas*, the narrative is one of the author’s most commented and translated. In it, Bécquer reveals his ability to lead the reader from the real to the fantastic by means of the evocation of a historical detail and a real place, the story told, though literary, and therefore fictional, is the most likely to offer the probability of been based on a local tradition, derived from the Spanish city of Soria, where the narrative is set. “O Monte das Almas” is one of the most significant examples of the fantastic Spanish literature of the nineteenth century.

Keywords: spanish short story, fantastic literature, Gustavo Adolfo Bécquer.

Apresentação: Publicado originalmente em 7 de novembro de 1861, no jornal *El contemporáneo*, junto com mais 16 lendas, o conto fantástico “O Monte das Almas” é um dos relatos mais conhecidos e traduzidos do escritor espanhol Gustavo Adolfo Bécquer (1836-1870). Através de um estilo vago e apurado, a narrativa revela um lado misterioso do romantismo literário espanhol, ambientado na

¹ Gleiton Lentz é mestre em Estudos da Tradução e doutorando em Teoria da Literatura pela UFSC. Tradutor de Dino Campana (*Cantos Órficos*, 2004), Delmira Agustini (*Líricas*, 2005), entre outros autores, se dedica ao estudo e tradução da poesia simbolista italiana e hispano-americana e integra a comissão da revista *Scientia Traductionis*. Contato: dakria@gmail.com



Idade Média, com seus castelos em ruínas e montes assombrados, seus templos góticos e mosteiros seculares, em confluência com o sobrenatural e a magia de diversas lendas populares do sul da antiga Ibéria. No conto, o escritor, que recebeu a lenda por via oral na cidade de Sória, adaptando-a à narrativa, descreve os eventos sucedidos no chamado Monte das Almas, no dia de Finados, centrando a história no desfecho do jovem e ingênuo cavaleiro Alonso, herdeiro das terras onde se desenvolve a história, da família dos condes de Alcudiel, ao tentar agradar sua prima Beatriz, jovem e engenhosa mulher, filha dos condes de Borges. Ao final, Bécquer retoma o tema, freqüente na arte e na literatura, do castigo eterno da mulher desditada, em que a protagonista também é perseguida por um cavaleiro, retratada por Boccaccio e Botticelli. O texto traduzido segue a edição: *Leyendas*. Edición de Esther Ortas Durand. Madri: Editorial Castalia, 2005, pp.117-134.



Fonte: Gustavo Adolfo Bécquer, retratado pelo irmão e pintor Valeriano Bécquer, em 1884.

O MONTE DAS ALMAS

El Monte de las Ánimas

(LENDA SORIANA)

Na Noite de Finados, despertou-me a não sei que horas, o dobre dos sinos. Seu repique monótono e eterno trouxe-me à mente esta tradição que ouvi há pouco tempo em Sória.

Tentei dormir novamente. Impossível! A imaginação, uma vez aguilhoada, é como um cavalo desenfreado ao qual as rédeas de nada servem. Para passar o tempo, decidi escrevê-la, como de fato o fiz.



As doze da manhã, depois de almoçar bem, e com um cigarro na boca, não fará muito efeito aos leitores do El Contemporáneo. Eu a escutei no mesmo lugar em que ocorreu, e a escrevi virando muitas vezes a cabeça com medo quando sentia o estalar dos vidros de meu balcão, estremecidos pelo ar da noite.

Seja disto o que for, lá vai, como o cavalo de copas.

I.

— Atem os cães, façam o sinal com as trompas para reunir os caçadores e retornemos à cidade. A noite se aproxima, é dia de Todos os Santos, e estamos no Monte das Almas.

— Imediatamente!

— Se fosse outro dia, não hesitaria em acabar com esse rebanho de lobos que as neves do Moncayo² expulsaram de suas covas, mas hoje é impossível. Dentro de poucos instantes, a oração ecoará no mosteiro dos Templários³, e as almas dos mortos começarão a tocar o sino na capela do monte.

— Nesta capela em ruínas? O quê? Queres me assustar?

— Não, minha bela prima. Tu desconheces o que ocorre nesta região, porque ainda não faz um ano que vieste para cá de muito longe. Refreia o teu cavalo, pois eu também colocarei o meu na linha, e enquanto o caminho perdurar, te contarei uma história.

Os pajens se reuniram em alegres e buliçosos grupos. Os condes de Borges e de Alcudiel montaram em seus magníficos cavalos, e todos juntos seguiram os seus filhos, Beatriz e Alonso, que estavam à frente do séquito em uma distância considerável. Enquanto o caminho seguia, Alonso narrou nestes termos a prometida história:

— Este lugar, que hoje chamam o Monte das Almas, pertencia aos templários, cujo mosteiro podes ver ali, à margem do rio. Os templários eram tanto guerreiros quanto religiosos. Quando Sória foi invadida pelos árabes, o rei os fizera vir de terras distantes para defender a cidade, ofendendo, assim, os nobres de Castilla, que sozinhos haviam-na defendido e conquistado. Entre os cavaleiros da nova e poderosa Ordem, e também dos nobres da cidade fermentou, por alguns anos, um ódio profundo que, ao fim, explodiu. Os templários haviam demarcado o monte, onde obtinham abundante caça para satisfazer suas necessidades e prazeres. Os nobres, por sua vez, decidiram

² Núcleo montanhoso do noroeste da Espanha.

³ Cavaleiros membros de uma ordem medieval de caráter religioso.



organizar uma grande caçada no monte, apesar das severas advertências dos *clérigos com esporas*, como chamavam seus inimigos. A voz do repto se propagou, e ninguém tomou parte em deter uns em sua ânsia de caçar e os outros em sua determinação de impedir os primeiros. A planejada expedição foi levada a cabo. As feras selvagens do monte certamente não se lembraram desta expedição, somente as mães dos cavaleiros que, em profundo luto por seus filhos, nunca a esqueceram. Aquilo não foi uma carnificina. Foi uma batalha assombrosa: o monte ficou repleto de cadáveres. Os lobos, aos quais se quis exterminar, tiveram um sangrento festim.

Por último, interpôs a autoridade do rei: o monte, maldito motivo de tantas desgraças, foi declarado abandonado, e a capela dos religiosos, situada no mesmo lugar — e em cujo átrio foram enterrados juntamente amigos e inimigos —, começou a cair em ruínas. Desde então, dizem que quando a noite de Finados chega, ouve-se soar o sino da capela e as almas dos mortos que, envoltas nos trapos de seus sudários, correm como em uma caçada fantástica por entre os bosques e os silvedos. Os cervos bramam espantados, os lobos uivam, as cobras emitem horrorosos silvos, e sempre no dia seguinte se vê na neve as pegadas dos pés descarnados dos esqueletos. Por isso, em Sória, nós o chamamos de o Monte das Almas, e por isso eu quis deixá-lo antes que a noite caísse.

A narrativa de Alonso acabou justamente quando os dois jovens chegavam ao extremo da ponte que dá entrada à cidade, pelo outro lado. Ali esperaram o restante da comitiva que, após se incorporar aos dois ginetes, perdeu-se por entre as estreitas e escuras ruas de Sória.

II.

Os criados acabavam de tirar as toalhas da mesa. A chaminé gótica do palácio dos condes de Alcludiel irradiava um fulgor brilhante, iluminando pequenos grupos de damas e cavalheiros que, ao redor da luz, conversavam familiarmente, enquanto o vento açoitava os vidros chumbados das ogivas do salão.

A sós, duas pessoas pareciam alheias à conversação geral: Beatriz e Alonso. Beatriz, absorta em vagos pensamentos, seguia com os olhos os caprichos das labaredas. Alonso olhava o reflexo da fogueira chispar nas pupilas azuis de Beatriz.

Ambos estavam há algum tempo em profundo silêncio.



As velhas narravam, a propósito da noite de Finados, contos temerosos, em que espectros e aparições eram o papel principal, enquanto os sinos das igrejas de Sória soavam ao longe com um repique monótono e triste.

— Minha bela prima! — exclamou, por fim, Alonso, quebrando o longo silêncio —. Logo vamos nos separar, talvez para sempre. As áridas planícies de Castilla, seus costumes rudimentares e guerreiros, seus hábitos simples e patriarcais, sei que não te agradam; percebi que suspiravas várias vezes, talvez por algum pretendente de teu distante senhorio.

Beatriz fez um gesto de indiferença: todo um caráter de mulher se revelou naquela desdenhosa contração de seus finos lábios.

— Ou talvez na suntuosa corte francesa, onde até agora tens vivido — se apressou a acrescentar o jovem —. De um modo ou de outro, pressinto que não tardarei em te perder... Ao nos separarmos, gostaria que levasses uma memória minha... Lembra-te quando fomos ao templo dar graças a Deus por ele ter lhe devolvido a saúde que vieste buscar nesta terra? A pequena jóia que prendia a pluma de meu barrete cativou a tua atenção. Que bela ela ficaria segurando um véu sobre teus cabelos negros! A jóia já prendeu os de uma desposada! Meu pai a presenteou àquela que me deu a vida, e ela o levou ao altar... Tu a queres?

— Eu não sei como são os costumes por aqui — respondeu a bela jovem —, mas onde vivo um presente recebido implica alguma obrigação. Apenas nos dias santos deve-se aceitar um presente de um parente.

O acento gelado com que Beatriz pronunciou aquelas palavras turvou por um momento o jovem que, após se acalmar, disse com tristeza:

— Eu sei, prima! Mas hoje se celebra o dia de Todos os Santos. Hoje é dia de cerimônias e presentes. Queres aceitar o meu?

Beatriz mordeu ligeiramente os lábios e estendeu a mão para pegar a pequena jóia, sem acrescentar uma só palavra.

Os dois jovens voltaram a ficar em silêncio, e novamente se voltou a escutar a quebrantada voz das velhas que falavam de bruxas e duendes, e o zumbido do ar que fazia ranger os vidros das ogivas, e o triste e monótono repique dos sinos.

Ao passo de alguns minutos, o interrompido diálogo foi retomado:



— E antes que o dia de Todos os Santos acabe, poderias, sem conter a tua vontade, deixar-me uma lembrança, não é? — disse ele, cravando um olhar no de sua prima, que brilhou como um relâmpago, iluminado por um pensamento diabólico:

— Por que não? — exclamou ela, levando a mão ao ombro direito, como para procurar alguma coisa entre as pregas de sua longa manga de veludo bordada a ouro, e depois, com uma infantil expressão de sentimento, acrescentou:

— Lembras-te da fita azul que levei hoje à caça? A fita cuja cor, que era dotada de um sentido, representava a divisa de tua alma?

— Sim!

— Pois... perdeu-se! Perdeu-se, e pensava em deixá-la para ti, como uma lembrança.

— Perdeu-se! E onde? — perguntou Alonso, levantando-se de seu assento e com uma indescritível expressão de medo e esperança.

— Não sei... No monte, talvez.

— No Monte das Almas! — murmurou, empalidecendo e deixando-se cair sobre o banco —. No Monte das Almas! — e logo prosseguiu, com uma voz entrecortada e surda: — Tu o sabes, porque já deves ter escutado isso mil vezes. Na cidade, em toda Castilla, chamam-me de o rei dos caçadores. Não pude ainda provar minha força nos combates, como o fizeram meus antepassados. Então transpus, à distração da caça, imagem da guerra, todos os brios de minha juventude, todo o ardor que herdei de minha raça. O tapete que os teus pés pisam são despojos de feras que eu matei com minhas próprias mãos. Eu conheço seus covis e seus hábitos, e lutei com elas durante dias e noites, a pé e a cavalo, sozinho e em grupo, e ninguém dirá que me viu fugir do perigo em nenhuma ocasião. Outra noite voaria até lá por essa fita, e voaria desejoso como se fosse a uma festa. E, não obstante, esta noite, de quem esconder? Tenho medo! Ouves? Os sinos soam, e a oração acabou de ecoar em San Juan del Duero, fazendo com que as almas do monte levantem seus crânios amarelados dentre as macegas que cobrem suas fossas... As almas!, cujo um único olhar pode gelar de terror o sangue do mais valente, tornar seus cabelos brancos ou arrebatá-lo no torvelinho de sua fantástica trajetória como uma folha que arrasta o vento sem que se saiba para onde.



Enquanto o jovem falava, um sorriso imperceptível se desenhou nos lábios de Beatriz, que, assim que Alonso concluíra, disse em tom de indiferença enquanto atiçava o fogo da chaminé, onde a lenha saltava e rangia, arremessando chispas de mil cores:

— Oh! Não, de forma alguma! Que loucura! Ir agora ao monte por semelhante estupidez! Uma noite tão escura, noite de Finados e o caminho cheio de lobos!

Ao dizer essa última frase, sobrecarregou-a de um modo tão especial que Alonso não pôde mais do que compreender toda sua amarga ironia. Movido como por uma mola, pôs-se de pé, passou a mão sobre o rosto, como para arrancar o medo que estava em sua cabeça e não em seu coração, e com uma voz firme exclamou, dirigindo-se à bela jovem que ainda continuava inclinada sobre a chaminé, entretendo-se em revolver o fogo:

— Adeus, Beatriz, adeus! Até breve.

— Alonso, Alonso! — disse ela, virando-se imediatamente, em vão, pois quando desejou ou aparentou querer detê-lo, o jovem já havia desaparecido.

Em poucos minutos, ouviu-se o rumor de um cavalo que se afastava a galope. A bela jovem, com uma expressão radiante de orgulho satisfeito que coloriu suas bochechas, prestou atenção no rumor que se enfraquecia, que se perdia, e que, ao fim, se dissipou.

As velhas, no entanto, continuavam com seus contos de aparições, o ar zumbia nos vidros do balcão e os sinos da cidade soavam ao longe.

III.

Havia passado uma hora, duas, três. A meia-noite estava a ponto de soar quando Beatriz retirou-se ao seu quarto. Alonso não retornava, e, se quisesse, em menos de uma hora, poderia tê-lo feito.

— Terá ficado com medo! — exclamou a jovem, fechando seu livro de orações e encaminhando-se ao seu leito, depois de murmurar inutilmente algumas das orações que a igreja consagra no dia de Finados aos que já não mais existem.

Após apagar a lâmpada e fechar as cortinas de seda, dormiu com um sono inquieto, ligeiro, nervoso.



A meia-noite soou no relógio do Postigo⁴. Beatriz ouviu entre um sonho e outro as vibrações, lentas, surdas e tristes dos sinos, e entreabriu os olhos. Pensou ter escutado seu nome ser pronunciado, mas longe, muito longe dali, e por uma voz surda e dolorosa. O vento gemia nos vidros da janela.

— Será o vento — disse, e colocando a mão sobre o coração, procurou se tranquilizar.

Mas seu coração palpitava cada vez mais forte, as portas do oratório rangeram nas dobradiças com um chio agudo, prolongado e estridente.

No início, apenas algumas, em seguida, outras mais próximas, até que todas as portas que davam passagem ao quarto iam soando pela ordem. Estas, com um ruído surdo e grave; aquelas, com um lamento longo e contraído. Depois, silêncio. Um silêncio repleto de rumores estranhos, o silêncio da meia-noite; distantes ladridos de cães, vozes confusas, palavras ininteligíveis; ecos de passos que vão e vêm, ranger de roupas que se arrastam, suspiros que se afogam, respirações fatigosas, que quase se sentem, estremecimentos involuntários que anunciam a presença de algo que não se vê e cuja aproximação se percebe na escuridão.

Beatriz, imóvel, trêmula, pôs a cabeça para fora das cortinas e escutou atenta por um momento. Ouvia mil ruídos diversos; passava a mão pela testa, tornava a escutar; nada, silêncio.

Via, com aquela fosforescência da pupila nas crises nervosas, vultos se moverem em todas as direções, e quando a dilatava, fixava o olhar em um ponto, nada, escuridão, as sombras impenetráveis.

— Nossa! — exclamou, voltando a recostar sua bela cabeça sobre o travesseiro de cetim azul do leito —. Serei tão medrosa quanto aquela pobre gente cujo coração palpita de terror sob uma armadura ao ouvir um conto sobre aparições?

E fechando os olhos, tentou dormir. Mas em vão fizera um esforço sobre si mesma. Logo voltou a levantar-se, mais pálida, mais inquieta, mais aterrorizada. Já não era uma ilusão: as colgaduras das portas haviam se movido, e algumas pegadas lentas se ouviam sobre o tapete. O rumor daquelas pegadas era surdo, quase imperceptível, mas continuado, e ao seu compasso ouvia-se ranger uma coisa parecida à madeira ou osso. E as pegadas se aproximavam, se aproximavam, até

⁴ No texto, porta secundária à entrada da cidade.



que o reclinatório, que estava à borda do leito, se moveu. Beatriz lançou um grito agudo, e enfiando-se na roupa que a cobria, escondeu a cabeça e conteve o alento.

O ar açoitava os vidros do balcão; a água da fonte distante caía e caía com um rumor eterno e monótono; os ladridos dos cães aumentavam nas rajadas do ar, e os sinos da cidade de Sória, próximos e distantes, soavam tristemente pelas almas dos mortos.

Assim, passou uma hora, duas, a noite, um século, porque aquela noite pareceu eterna para Beatriz. Ao fim, a aurora despontou. De volta do terror, abriu os olhos aos primeiros raios de luz. Depois de uma noite de insônia e medo, é tão bela a luz clara e branca do dia! Separou as cortinas de seda do leito, estendeu um olhar sereno ao seu redor, e já começava a rir dos temores passados quando, de repente, um suor frio cobriu seu corpo, seus olhos se deslocaram e uma palidez mortal descolorou suas bochechas: sobre o reclinatório acabava de ver, amarrotada e ensangüentada, a fita azul que Alonso havia ido buscar no monte.

Quando os criados chegaram, apavorados, a comunicar a Beatriz sobre a morte do primogênito de Alcudiel, que pela manhã fora encontrado entre as macegas do Monte das Almas devorado pelos lobos, encontraram-na imóvel, agarrada com ambas as mãos a uma das colunas de ébano do leito, com os olhos deslocados, a boca entreaberta, os lábios brancos, os membros rígidos, morta, morta de pavor!

IV.

Dizem que, após o ocorrido na noite anterior, um caçador perdido que passou a noite de Finados sem conseguir sair do Monte das Almas, e que, no dia seguinte, antes de morrer, pôde contar o que havia visto, narrou coisas terríveis. Entre outras coisas, garante que viu os esqueletos dos antigos templários e dos nobres de Sória enterrados no átrio da capela se levantarem, na hora da oração, com um estrépito horrível, e cavaleiros sobre esqueletos de corcéis perseguirem, como a uma fera, uma mulher bela, pálida e descabelada que, lançando gritos de horror, com os pés descalços e ensangüentados, dava voltas ao redor da tumba de Alonso.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÉCQUER, G.A. *Leyendas*. Edición de Esther Ortas Durand. Madri: Editorial Castalia, 2005.

_____. *O Monte das Almas e outras lendas*. Tradução de Gleiton Lentz. Desterro: Nephelibata, 2005.